

OS ANCIÃOS KAINGANG E OS ITINERÁRIOS DAS FONTES DO MONGE JOÃO MARIA

LEONARDO JACIR SIEPMANN CERISOLI^{1,2*}, ADILES SAVOLDI^{2,3}

1 Introdução

O imaginário popular tem inspirado rotas e caminhos sagrados. No Sul do Brasil, há uma hagiografia popular sobre o monge João Maria que é constantemente atualizada em diferentes contextos. No oeste catarinense, os Kaingang, que foram marginalizados pelo processo de colonização, implementado, especialmente no final do Século XIX e início do XX, rememoram e transmitem às novas gerações a importância da preservação dos modos de conhecimento transmitidos pelo “São João Maria” como costumam se referir. As narrativas dos ancestrais sobre o monge são adotadas para ressignificar lugares e práticas. As fronteiras impressas no espaço pela colonização dificultaram o acesso às fontes do monge. No presente, há uma tentativa de incluir e dar visibilidade aos olhos d’água reconhecidos como pontos do itinerário do monge. A pesquisa, em andamento, buscou mapear e acompanhar a visita das fontes de águas consideradas santas no interior do município de Chapecó, SC. Ao refletir sobre os significados e práticas do culto ao São João Maria no presente questionou-se: quais são os sentidos atribuídos aos caminhos considerados sagrados pelos anciãos Kaingang? Que histórias essas experiências comunicam? Como esses modos de conhecimento se articulam com a afirmação da identidade Kaingang e as lutas do presente?

A pesquisa está em consonância com a demanda da Escola Indígena Toldo Chimbanguê, em registrar esse patrimônio imaterial e também proporcionar às novas gerações o conhecimento dos itinerários e rotinas que marcaram a vida dos ancestrais antes dos limites geográficos e culturais impostos pelo capitalismo e pela colonização. A crescente onda evangélica neopentecostal tem atuado no sentido de desqualificar os modos de conhecimento transmitidos pelo monge, como o cuidado com a natureza e a defesa de viver a vida de maneira frugal, sendo que esses valores contrastam com a teologia da prosperidade. O registro dessas experiências é significativo para que os anciãos possam compartilhar esses saberes com outras gerações Kaingang e também com outros públicos.

1 Estudante do Curso de Ciências Sociais, bolsista voluntário, UFFS, *campus Chapecó*, contato: leonardo.cerisoli@estudante.uffs.edu.br.

2 Grupo de Pesquisa: Cultura, Política e Diversidade

3 Adiles Savoldi, Doutora em Antropologia, professora da UFFS, Campus Chapecó, Orientadora da pesquisa.

2 Objetivos

Objetivo Geral:

Compreender quais sentidos e significados os anciãos Kaingang atribuem aos modos de conhecimento do monge João Maria e seus nexos com a identidade Kaingang.

Objetivos específicos:

Registrar as histórias e memórias dos anciãos Kaingang sobre o monge;

Investigar os itinerários que os Kaingang percorriam até as fontes de água;

Identificar as fontes descritas pelos anciãos;

Pesquisar como o batismo era realizado com a água das fontes;

Acompanhar as práticas do batismo realizadas no presente com o uso da água da fonte do monge;

Realizar observações participantes nos rituais que fazem alusão ao monge.

3 Metodologia

Por tratar-se de uma pesquisa em andamento os resultados são parciais. A metodologia está ancorada numa abordagem qualitativa. A proposta inicial consistia em entrevistas com os anciãos Kaingang, no entanto, enquanto se aguarda com as demandas do CEP comitê de ética em pesquisa/CONEP comitê nacional de ética em pesquisa, ouvimos religiosos que atuaram nas romarias com os Kaingang. Do mesmo modo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre o tema. Ainda falta realizar de entrevistas com os anciãos Kaingang para o registro das memórias e histórias sobre o monge. A etnografia pretende também abordar os mapas cognitivos que orientaram as experiências do passado que ainda guardam reminiscências dos itinerários das consideradas “águas santas”, as fontes do monge, nas quais foram batizados muitos Kaingang. Até o presente momento foi realizado o georreferenciamento de três fontes no espaço urbano de Chapecó.

4 Resultados e Discussão

A luta de recuperação das terras indígenas em Chapecó, na década de 1980, intensificou a tensão que constitui as relações interétnicas no Oeste Catarinense. Há registros da presença Kaingang no Chimbangue desde 1856⁴. Na década de 40 do século XX, esse território foi administrado pelas companhias colonizadoras. Boa parte da população Kaingang teve que se

4 Informação obtida em D'Angelis (1984).

deslocar para outras áreas, e parte deles lá permaneceram como agregados⁵, trabalhando para os novos moradores que compraram seus lotes das companhias colonizadoras. No final da década de 1970, os Kaingang se organizam na luta pela recuperação das terras em que viviam antes da chegada dos colonizadores. Em 1986, foram demarcados 988 hectares, metade da área reivindicada pelos Kaingang do Toldo Chimbanguê. Em 2006, foram homologados⁶ mais 954 hectares. Nacke e Bloemer (2007) destacam que os Kaingang reivindicaram um hectare de terra, descontinuo às terras demarcadas, com o objetivo de incorporar o cemitério indígena. Segundo as narrativas indígenas, nesse cemitério está enterrado o cacique Chimbanguê sob uma “árvore de cedro”. Nacke e Bloemer concluem que, para os Kaingang, “as terras nas quais estão enterrados os seus antepassados são sagradas” (2007, p. 62). Os ritos que envolvem os mortos são considerados significativos para os Kaingang, portanto, os locais onde enterram seus antepassados é um lugar sagrado.

O monge que plantava cruzes

A crença na cruz de cedro deriva da conduta messiânica do Monge João Maria. O hábito de colocar a cruz de cedro sobre a sepultura teve como inspiração a experiência do monge. O processo de brotação da cruz de cedro está “associado à regeneração do povo do Chimbanguê que resiste historicamente aos mais diversos desafios. A árvore da cruz de cedro de “São João Maria” tem revelado diferentes maneiras de significar a força e a vitalidade dos Kaingang no presente” (Savoldi, 2024, p. 44).

Há registros sobre a presença de três monges em Santa Catarina. Embora apresentem diferentes práticas, e uma cronologia diferenciada, no imaginário popular há uma integração dos três, ou melhor, é construída a ideia de uma sucessão. Outras afirmações revelam que só existiu um monge e que este ainda está presente, “andando pelo mundo”. No caso dos Kaingang, a referência é ao “São João Maria”.

No oeste catarinense os caminhos das fontes sagradas para os kaingang traçam percursos mobilizados pela memória dos anciãos, orientadas pela hagiografia por eles construída sobre o monge João Maria. Esses itinerários foram interrompidos pelo projeto de colonização que dividiu e demarcou o território sob a lógica da propriedade privada. Esses itinerários não estão presentes nos sites de divulgação turística da cidade, no entanto, mobilizam pessoas e histórias

⁵ Agregado no contexto em questão remetia à possibilidade de morar na propriedade de outrem, sendo remunerado por trabalhos sazonais. A família ficaria condicionada à disponibilidade de oferta de trabalho dos proprietários da terra. Havia o caso dos agregados que trabalhavam na agricultura como meeiros. (Savoldi, 2020).

⁶ Até o momento ainda não aconteceu o registro em cartório da segunda parte da área que denominada Chimbanguê II.

que antecedem as orientações e rotas consideradas importantes para a maioria da população local.

As romarias dos Kaingang acionam lugares vivos na memória, porém interditados por cercas, o acesso depende de negociações com proprietários. Para acessar a água que, segundo os Kaingang, purifica e é fundamental para as bênçãos e benzimentos, tão necessários em um mundo contemporâneo tão caótico e fugaz, é necessário ensinar às novas gerações os caminhos, as rotas das fontes reminiscentes.

Esses itinerários cartografados por memórias subterrâneas, sob a perspectiva de Pollak (1989), acionam a marginalidade de grupos que não estão contemplados na “memória oficial” de um contexto, lugar ou nação. Essas memórias concorrentes são desafiadas por disputas de narrativas num cenário em que recriam mundos de acordo com as relações de poder estabelecidos. Nessa geometria do poder, evidenciada por Massey (2008), as textualidades do espaço são construídas por ações, relações e práticas sociais. As cartografias sentimentais para Rolnik (2011), apreendem afetos, as paisagens psicossociais são cartografáveis e ilustram a vida que pulsa nos fluxos que ora são contidos pelos limites dos traços do mapa, mas também criam seus meios para transgredir e burlar as fronteiras. Esses desenhos recriam mundos, reelaboram e ressignificam paisagens.

Segundo os padres católicos, que acompanharam as romarias, foi possível identificar e georreferenciar três fontes no espaço urbano de Chapecó. A próxima etapa consiste em adicionar as informações que os anciãos Kaingang apresentarão na intenção de demarcar esses lugares de memória Kaingang.

5 Conclusão

Os movimentos indígenas adotam como premissa a tentativa de reflorestar mentes, no sentido de minimizar preconceitos contra os povos originários e, também orientam a defesa de uma relação orgânica com a natureza, quer dizer, ser parte dela num continuum, e não estar à parte.

Em consonância com os Direitos Humanos no combate ao racismo, preconceito e desigualdades sociais, a proposta de registrar histórias e experiências dos anciãos Kaingang intenciona contribuir com a valorização e visibilização de trajetórias de vida que muitas vezes foram relegadas ao ostracismo ou foram narradas pelo viés etnocêntrico dos não indígenas. A publicização do material coligido visa contribuir com os povos originários e também educar os não indígenas sobre a relevância dos modos de conhecimento e dignidade destes povos.

O compartilhamento destes saberes poderá contribuir para a educação de não indígenas, conforme a premissa da Lei 11.645 de 10 de março de 2008, na tentativa de abordar com respeito e dignidade os modos de vida dos povos indígenas. A proposta é seguir uma epistemologia “contracolonialista” conforme a orientação de Antônio Bispo dos Santos (2023), na qual os professores e estudantes indígenas elejam os pontos importantes a serem destacados na tentativa de desconstruir os efeitos do colonialismo que expropriou territórios, modos de vidas e mentes.

Referências Bibliográficas

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Para uma História dos Índios do Oeste Catarinense. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, n. 1-8, p. 141-219, 1989.

KARSBURG, Alexandre de Oliveira. O eremita do novo mundo: a trajetória de um italiano pelos sertões brasileiros no século XIX. *Revista Eletrônica de História do Brasil*, v. 9 n. 2, Jul.-Dez., 2007.

LASSITER, Luke E. *The Chicago guide to collaborative ethnography*. Chicago: The University of Chicago Press. 2005.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

NACKE, Anelise *et al.* **Os Kaingang no oeste catarinense**. Tradição e atualidade. Chapecó: Argos, 2007.

POLLAK, Michael. “**Memória, esquecimento, silêncio.**” In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

ROLNIK, Sueli. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2011

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SAVOLDI, Adiles. **Rituais de rebelião à brasileira: distintividade cultural e reconhecimento étnico nas Semanas Culturais do Toldo Chimbangue em Chapecó-SC**. 2020. Tese Doutorado em Antropologia - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020

SAVOLDI, Adiles. **Fen'Nó: legado de luta**. Chapecó, SC: Humana Editora (Biografemas), 2024.

Palavras-chave: Fontes de água. Kaingang. Monge João Maria.

Nº de Registro no sistema Prisma: PES-2024-0520